

Mais que humanos. Arte no Juquery

“Em sua sede, mantém a I.A.S.P. em pleno funcionamento, a Escola Livre de Artes Plásticas, ministrando o ensino de Desenho, Pintura, Cerâmica e Escultura aos seus internados do Juquery com vocação artística.”¹

Este início de texto nos fornece uma orientação para a mostra *Mais que humanos*, organizada pelo Museu de Saúde Pública Emilio Ribas – Instituto Butantan em parceria com o Museu Osório César – Complexo Hospitalar Juquery, que guarda importante acervo de obras produzidas por pessoas que estiveram em condição manicomial e que tinham vocação artística.

A exposição apresenta a produção de internos, cabe afirmar novamente “com vocação artística”, do antigo Hospital Psiquiátrico do Juquery. As obras são fruto do trabalho implantado pelo médico paraibano Osório César (1895-1979)², entre os anos de 1930 e 1940. Em 1952, quando torna-se o responsável pela Seção de Artes do Juquery, Osório configura a Escola Livre de Artes Plásticas do Juquery ampliando e sistematizando a produção dos internos.

Conhecido por seus ideais comunistas, Osório César dirigiu essa escola até 1964, coincidindo com o início do período da ditadura militar. Depois a escola

¹ Preâmbulo. Anuário da Instituição de Assistência Social ao Psicopata. Diretor: Dr. Osório Cesar. Franco da Rocha - São Paulo, 1956. Pág. 4.

² Osório Thaumaturgo Cesar nasceu no dia 17 de novembro de 1895 em João Pessoa e faleceu no dia 3 de dezembro de 1979 em Franco da Rocha. Há poucas informações conhecidas a respeito da vida e da família de Osório Cesar na Paraíba, sabemos apenas que ele veio a São Paulo, em 1912, para estudar na Faculdade de Odontologia. Terminando esse curso em 1915, Osório César matricula-se na Faculdade de Medicina de São Paulo em 1918 e forma-se na faculdade de Medicina da Praia Vermelha no Rio de Janeiro em 1925. Em 1923, ingressa como estudante no Hospital Psiquiátrico de Juqueri e começa a trabalhar nessa instituição como médico anamotopatologista de 1925 até 1964 quando se aposenta em consequência das pressões militares. In FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo. *Arte e loucura: limites do imprevisível*. São Paulo: Lemos Editorial, 1998, p.45.

continuou suas atividades com menor intensidade até os anos 2000.

O médico, que não entendia a aplicação da arte para os ditos loucos apenas como uma terapia ocupacional, como era o caso da Dra. Nise da Silveira, propunha a livre expressão dos seus pacientes por meio da arte. Nisso ele foi precursor na sua aplicação, muito antes das teorias da arte terapia conduzidas pela médica alagoana junto aos pacientes do Hospício Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro.

Osório Cesar, como escreveu Quirino da Silva sobre sua atuação, vinha “se dedicando à tarefa de colocar a vida do internado dentro de uma paisagem alheia a sua condição de doente”.³ Eram vistos como artistas.

A exposição joga luz sobre esta coleção ainda não devidamente reconhecida. O Complexo Hospitalar Juquery, apesar de sua carência estrutural enquanto instituição museológica pública, possui acervo significativo e surpreendente. A mostra é composta por esculturas em argila, pinturas e uma estranha cadeira, com formas que se assemelham a um artrópode ou ácaro (da família dos carrapatos) gigantesco.

Os autores com trabalhos na exposição, infelizmente, em sua maioria, são desconhecidos. Apenas Jefferson Walter Caggiano e Sebastião Gomes da Silva têm suas esculturas identificadas no conjunto da exposição. Os demais escultores entram como anônimos. Anônimos duplamente. Anônimos como pessoas, anônimos como artistas.

Uma escultura a se destacar do conjunto é a de uma mulher transfigurada que toma as feições de um hominídeo. Entre a figura de um ser fantástico e a de uma mulher com sua genitália protuberante exposta. Como em a *Origem do mundo*, pintura de 1866, do artista francês Gustave Courbet, em que se vê

³ Quirino da Silva, em *Exposição de Internados no Juqueri*. Anuário da Instituição de Assistência Social ao Psicopata. Diretor: Dr. Osório Cesar. Franco da Rocha - São Paulo, 1956. Pág. 23. Publicado no “Diário da Noite”, 1.4.1956.

uma mulher à vontade com a exposição do órgão sexual coberto por densa pelagem pubiana. A escultura, do nosso autor desconhecido, é ainda mais chocante ao tomar feições de uma mulher ereta com expressão animal em que o que sobressai é sua vagina frontal e sua expressão facial dramática.

Outra escultura chama a atenção. A de uma onça pintada, igualmente de autor desconhecido, que amamenta suas crias. A cena feita em argila pintada é silenciosa.

Já entre os pintores, por ser um hábito assinar as telas, os três artistas são identificados. Maria Aparecida Dias é apresentada com 11 pinturas e uma escultura. As telas são de fatura simples com tinta acrílica, respingos e bastante gestual. As figuras são esquemáticas. Homenzinhos pintados em vermelho, preto, verde, laranja. Um símbolo é insistente e lembra uma faca que ora aparece atravessada no crânio dos “retratos”. As lágrimas são vermelhas e escorrem pelas faces, são da cor de sangue. Figuras feridas são trespassadas por estas facas. Uma outra pintura, a figura é ainda mais simples: um círculo pintado de preto sobre pescoço e ombros que se faz de tronco. Galhos e folhas de árvore saem por detrás e formam uma aura multicolorida. Uma simbiose de pessoa com planta.

Há uma escultura, que se destaca do conjunto, que foi apropriada de outra artista, tornou-se um autorretrato para Cidinha, assim era chamada pelos colegas e é assim que é apresentada a figura de uma mulher negra com as mãos na cabeça e expressão de terror. A barriga é pintada. É um autorretrato sentado em uma cadeira. Como se ali na barriga fosse o centro do mundo, onde se dá a criação da vida na mancha pictórica feita de pinceladas circulares, concêntricas, como um redemoinho.

José Otaviano Rafael é apresentado com seis pinturas ora de homens ora de mulheres, são figuras andróginas. Figuras meio homens meio mulheres, pintadas em cores fortes e traço denso. Um homem amarelado com gesto de mulher em fundo verde enrolado em uma serpente. Uma figura que se apresenta como Adão e Eva ao mesmo tempo. A mesma figura se repete em

outra pintura com corpo mais avantajado em fundo azul. Como em Maria Aparecida, as figuras parecem ser uma maneira de se ver.

Já Ubirajara Ferreira Braga é o artista que mais produziu no Ateliê Livre, pelo menos é o que possui o maior número de pinturas no acervo do Museu Osório César. Nas suas telas vemos seres humanos fantásticos em paisagens e ambientes religiosos de colorido intenso e turbulento. Representações de um mundo exterior e interior em transformação.

As pinturas de Ubirajara levam a pensar em certos pintores alemães do começo do século XX, como Karl Schmidt-Rottluff (1884-1976), Emil Nolde (1867-1956) e Max Beckmann (1884-1950), com suas pinceladas nervosas de cores vibrantes.

Outras peças significativas da exposição são de um artista anônimo, que fez uma série de baixo relevo em argila. O *Trajetos dos vasos sanguíneos* e o *Tratado da Anatomia Sistemática* são cerâmicas em baixo relevo com cenas e figuras gravadas, esculpidas ou pintadas. Nas cenas observamos os exames médicos, as operações cirúrgicas, as cenas de cura, a anatomia dos órgãos, muito similares aos ex-votos pintados nos séculos XVIII e XIX. São imagens de corpos e cenas retiradas de livros antigos de medicina.

Entre as obras dos artistas do Juquery está a instalação do paulista Ivan Grilo, artista convidado para intervir e criar a partir do acervo e arquivo da instituição psiquiátrica. Para além das obras, neste acervo encontra-se uma parte da história social da saúde pública e da política do Brasil no século XX. O histórico dos que foram internados com os seus diagnósticos e os tratamentos por que passaram. Muitos desses pacientes tiveram coletados partes dos seus corpos e de órgãos viscerais, que serviram para estudo das doenças que os acometiam.

Até mesmo crânios de pessoas que passaram pelo procedimento cirúrgico da lobotomia são preservados nessa coleção científica. Ficam acomodados em uma caixa de espera.

O acervo remonta às políticas de saúde pública do final do século XIX e começo do XX. É este arquivo que interessa a Ivan Grilo, cujo trabalho se caracteriza pela reelaboração dos acervos (imagens e documentos) das instituições que acolhem suas exposições. Usa a fotografia para além de seu viés documental. Ele a liberta do objetivo de apenas registrar, criando um novo documento para construir novas realidades.

O artista age no tempo interrompendo a história daquela imagem trabalhada, dos documentos dos arquivos e das coisas do museu de maneira que permite um recomeço, uma segunda trajetória, uma nova história a partir dali. Traz luz à opacidade desses arquivos.

Compõe com a mostra uma cadeira de madeira escura, uma estranha escultura usada para recolher o líquido (líquido cefalorraquidiano ou líquido cefalorraquidiano) dos pacientes psiquiátricos com fins de pesquisa medicinal.

Feita de madeira, o mobiliário é “invenção” do próprio hospital que faz lembrar as esculturas meio animais meio mobiliário do artista Edgar de Souza. Esta cadeira tornou-se um objeto, na sua aparência, descontextualizado do seu fim cirúrgico, de tortura. A tortura oficializada para fins científicos dentro dos manicômios. Representa o martírio e a dor extrema desse procedimento a que eram submetidos os pacientes. Da imobilidade e da incapacidade de reagir. Também do ser “ninguém”, que não sente e não tem sentimentos, como bordou o artista José Leonilson em um travesseiro. Do momento que adentravam eram esquecidos no “anonimato”, perdiam o nome e o cabelo. Pendiam dos seus corpos pelo resto de suas vidas.

Mais do que uma exposição de arte de pinturas e esculturas, *Mais que humanos* trata da história do confinamento de um enorme contingente de pessoas. Trata dessas experiências científicas e medicinais e das iniciativas artísticas para minimizar o transtorno e a dor causados por estes procedimentos de aniquilar o sujeito da sociedade e leva-lo como indivíduo anônimo para as instituições psiquiátricas.

Abafavam a fala dessas vítimas que enchiam os hospitais psiquiátricos do fim do século XIX até o princípio dos anos 1990. Condição de uma nação que acreditava que, “limpando” os indesejados de sua sociedade, alcançaria a condição de país desenvolvido.

Mas não, “os desenhos [a arte] dos alienados indicam o caminho para encontrar a gênese da tortura imensa que sacode a alma do louco... [e de tudo que se passou dentro dos muros dos hospícios brasileiros. Mantidos por ideais perigosos que jogaram para a clandestinidade e o esquecimento uma enorme parte da população brasileira]. Parece que a criança [como os loucos], impulsionando livremente o lápis [os instrumentos artísticos], desdobra toda a tragédia da vida e do mundo, todos os cataclismos da alma e do pensamento”⁴

Foi o que escreveu Flavio de Carvalho ao ver a exposição organizada por Osório César em 1933, no Clube dos Artistas Modernos. As crianças e os loucos veem a dolorosa caricatura de tudo e dramatizam tudo numa simplicidade de formas e de cores que faz inveja aos grandes artistas. No entanto, a arte feita por pessoas com distúrbios mentais é ainda tratada no meio da arte dita “normal”, como marginal. É aquela que não se enquadra nos padrões e conceitos da arte contemporânea feita por artistas, novamente, ditos “normais”, mas que buscam inspiração nessa vertente da arte da “liberdade livre”. A tão almejada livre expressão. Jogam esta expressão artística, feita por pessoas com algum distúrbio mental, no escaninho da arte dita popular. É o caminho mais fácil por entenderem que estes artistas não teriam a intenção de fazer arte ou mesmo de que seriam autodidatas, sem instrução cultural e artística.

Seriam para eles, os intelectuais, críticos de arte e historiadores (diria desinteressados e desinteressantes) por outras e novas formas de se fazer arte, apenas aquela feita, criada, inventada e que segue protocolos

⁴ Flavio de Carvalho. Organização: Maia, Ana Maria e Rezende, Renato. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2015, 89 e 91. Artigo publicado originalmente na revista Rumo, em 1933.

institucionais com a intenção e o conhecimento de se fazer arte. As que não se enquadram nesse padrão seriam as inferiores, as realizadas pelas classes populares e, no nosso caso, as dos pacientes de hospitais psiquiátricos. Estas seriam enquadradas em outras categorias como a de arte dita popular, a arte bruta, a arte do inconsciente, a arte naïf e, até mesmo, entendidas como artesanato.

Mas o reconhecimento, quando há para essa arte “virgem”, “espontânea”, “inocente” e “descompromissada”, vem dos próprios artistas.

Artistas como o francês Jean Dubuffet, que ficou conhecido por cunhar a definição dessa arte como Arte Bruta. De Flávio de Carvalho, que vai olhar muito antes com entusiasmo para essa produção ao se deparar com os desenhos dos artistas do Juquery. Artistas legitimados que, de alguma maneira, foram influenciados por esta produção. Em alguns casos, como o de Abrahan Palatinik, que frequentou, junto com o Almir Mavigner, no final dos anos 1940, o ateliê montado pela Dra. Nise da Silveira, e viu sua obra se transformar e radicalizar na ideia de escultura ao propor suas caixas de luz que desenham formas transfiguradas e abstratas.

Há também registros da passagem da artista Maria Leontina (1917-1984), nos anos 1950 pelo Juquery, quando trabalhou com Osório César. É dado também relevante o fato de ele ter sido companheiro da pintora Tarsila do Amaral (1886-1973), entre os 1920 e 1930. Esse convívio, muito provável, influenciou na sua maneira de pensar a arte.

“Na realidade, diante do absurdo de certas pesquisas abstracionistas e de certas cretinices surrealistas, a matriz mais viva dessa pintura onírica, supra real, liberta de compromissos técnicos ou acadêmicos, está no cérebro dos loucos. Eles se entregam ao instinto figurativo ou puramente cromático, libertos dos controles tradicionais, dando vida plástica aos seus monstros interiores que são os seus trágicos recalques. Aquilo que muito pintor, desesperadamente procura – largar sua inspiração sem rédea da racionalidade, condicionada esta que está toda? uma tradição técnica e

conceitual que forçadamente lhe tira a marca da autêntica espontaneidade, o louco atinge sem o mínimo esforço. Estes ficam artificialmente loucos para obter os valores plásticos que aqueles, justamente por ser loucos, alcançaram. É claro que atinjam essa perfeição com muito mais propriedade que os normais. Se quiserem a prova disso, vão ver os quadros dos vesanos que, no Museu de Arte, expõe o Dr. Osório Cesar” (Menotti Del Picchia, 1956)⁵.

O diferente se esconde. A arte diferente se esconde ou se esquece nos museus dos manicômios. No Museu de Saúde Pública Emilio Ribas, eles são mostrados em sua plenitude. Chegam com o status de artistas. Os verdadeiros artistas livres das amarras das teorias da arte, dos modismos e da expressão condicionada. São artistas mais que humanos.

Procedimento em todos os manicômios, tirar as roupas, deixar os pertences do lado quando adentravam os muros dos hospícios. Depois raspar a cabeça, tanto fazia se homem ou mulher. Era para se transformarem em uma coisa só. Somente as genitálias expostas para diferencia-los.

Mas o que faz um ser humano mais humano que outro? Ou, o que faz um ser humano menos humano que outro?

Alguns, depois dessa ‘lavagem” cerebral e física, incentivados por psiquiatras como Osório Cesar e Nise da Silveira no Engenho de Dentro, descobriam-se artistas. Alguns se sobressaiam como talentosos, como Ubirajara e Maria Aparecida Dias, que estão no acervo do Museu Osório César do Juquery. Bispo do Rosário que não se dizia artista, mais Clovis e Arlindo, do Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea. Fernando Diniz e Emgydio do Museu do Inconsciente Nise da Silveira.

“É um erro classificar a obra de arte criada pelo doente mental, de arte degenerada ou patológica, na expressão artística do doente descortinamos um

⁵ Menotti Del Picchia, em Pintura de loucos. Anuário da Instituição de Assistência Social ao Psicopata. Diretor: Dr. Osório Cesar. Franco da Rocha - São Paulo, 1956. Pág. 24.

mundo calmo, ingênuo, rico de colorido, do qual a doença não participa como degenerescência. É, pois, uma clamorosa injustiça classificá-la como tal. O panorama artístico do doente mental tem a mesma amplitude, a mesma beleza, daquele do homem chamado normal” (Silva, Quirino, 1956).⁶

Os manicômios eram verdadeiros campos de concentração. Não curavam.

A jornalista Daniela Arbex descreve com precisão a memória do maior do Brasil, o de Barbacena, em Minas Gerais que no seu auge chegou a abrigar cerca de 30 mil pessoas dentro dos seus muros. Não à toa dá o título ao livro de *O Holocausto Brasileiro*.

No seu relato, não eram só os ditos loucos que eram levados para estes lugares, eram todos aqueles que não se enquadravam nos tais padrões da sociedade. Dentre estes milhares de pessoas, que receberam orientação artística ou participaram de atividades terapêuticas com arte, alguns se destacaram pelas qualidades plásticas e temáticas de suas obras. Estes são mais que artistas, são super artistas.

Ricardo Resende

Curador

⁶ Quirino da Silva, em Exposição de Internados no Juqueri. Anuário da Instituição de Assistência Social ao Psicopata. Diretor: Dr. Osório Cesar. Franco da Rocha - São Paulo, 1956. Pág. 23. Publicado no “Diário da Noite, 1.4.1956.